



Balanço Social

do ciclo COVID-19 na América Latina e o Caribe (2020-2021)

Diagnóstico da situação socioeconômica e ambiental na América Latina e o Caribe

CENTRO DE GESTÃO DE CONHECIMENTO
OBSERVATÓRIO SÓCIO-ANTROPOLÓGICO PASTORAL

Coleção de Documentos Celam para o Debate

No. 02



CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

CENTRO DE GESTÃO DE CONHECIMENTO
OBSERVATÓRIO SÓCIO-ANTROPOLÓGICO PASTORAL

Balanço Social do ciclo COVID-19 na América latina e o Caribe (2020-2021)

Diagnóstico da situação
socioeconômica e ambiental
na América Latina e o Caribe

Rede de Observatórios da Dívida Social
da América Latina e o Caribe (Rede ODSAL)

Organização das Universidades Católicas da América Latina e do Caribe (ODUCAL)

Primeira edição, Bogotá, D.C., outubro de 2021

Editorial CELAM

Carrera 5 N.º 118-31
PBX: (571) 587 97 10, ext. 307 - 345 e 351
editora@celam.org

Presidente do CELAM

D. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Arcebispo de Trujillo, Peru

1º Vice-Presidente do CELAM

Card. Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo, Brasil

2º Vice-Presidente do CELAM

Card. Leopoldo José Brenes
Arcebispo de Manágua, Nicarágua

Presidente do Conselho de Assuntos Econômicos

D. Rogelio Cabrera López
Arcebispo de Monterrey, México

Secretário-Geral

D. Jorge Eduardo Lozano
Arcebispo de San Juan de Cuyo, Argentina

Secretário-Geral Adjunto

P. David Jasso
Arquidiocese de Monterrey, México

Diretor do Centro de Gestão de Conhecimento

Guillermo Sandoval Vásquez

Coordenador do projeto

Dr. Agustín Salvia

Autora

Victoria Taboada
Rede de Observatórios da Dívida Social da América Latina e o Caribe (Rede ODSAL)
Organização das Universidades Católicas da América Latina e o Caribe (Oducal)

Contribuição Teológico-Pastoral

D. Jaime Mancera Casas
Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do CELAM

Assistência técnica

Mónica D'Ámico

Design gráfico

María Nazarena Gómez Aréchaga

Este documento constitui o resumo executivo do documento completo denominado "Balanço Social do Ciclo COVID-19 na América Latina e o Caribe (2020-2021)", que se encontra em processo de edição.

Conselho do Centro de Gestão de Conhecimento do CELAM

Card. Oscar Andrés Rodríguez (Coordenador) • D. Jaime Calderón (Subcoordenador) • D. Jorge Eduardo Lozano • D. Pedro Ossandon • D. Pierre André Dumas • D. Jaime Mancera • D. José Dolores Grullón • P. David Solano • P. Enrique Quiroga • P. Peter Hughes • Ir. Maricarmen Bracamonte • Dra. Waleska Sanabria • Dra. María Clara Bingemar • Dr. Rodrigo Guerra • Dr. Adrián Arias • Dr. Juan Esteban Belderraín • Dr. Juan Carlos Nuñez

Equipe do Centro de Gestão de Conhecimento

Me. Guillermo Sandoval (Diretor interino) • Dr. Agustín Salvia (Coordenador da Área de Observatório Sócio-Antropológico Pastoral) • Me. Francisco Campos (Coordenação da Área de Conhecimento Compartilhado).

Com as devidas licenças eclesiais. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida total ou parcialmente por nenhum meio sem a autorização prévia por escrito do CELAM.

© Conselho Episcopal Latino-Americano, CELAM

Carrera 5 N.º 118-31
Caixa postal 51086
Tel.: (571) 587 97 10
Fax: (571) 587 97 17
celam@celam.org

Índice

Prefácio	7
Introdução	9
Resumo Executivo	13
1. Sonho ecológico	
A situação do emprego	13
Proteção social e pandemia	14
Meio ambiente e mudança climática	16
Sistemas e saúde na pandemia	17
2. Sonho social	
Empobrecimento, indigência e desigualdade	19
Rejeitados sociais	21
A situação das crianças e os adolescentes	23
A situação das mulheres	25
3. Sonho cultural	
Direitos humanos	25
As consequências da pandemia nos regimes políticos	26
Participação da cidadania	29
Referências bibliográficas	30
Reflexões Teológico-Pastorais	33
A partir de uma perspectiva global	
Chamados a promover e participar das mudanças necessárias	33
A partir de um olhar sobre temas específicos	
Chamados a cuidar da saúde e da vida	35
Chamados a propor a boa nova do trabalho	35
Chamados a incentivar a conversão ecológica	36
Chamados a acompanhar a sociedade civil no desenvolvimento de uma economia social	36
Chamados a iluminar as novas formas de participação da cidadania	36
Chamados a escutar e dialogar com as vítimas, com os pobres	37
A necessidade de sonhar juntos	

A pandemia transpareceu as desigualdades sociais que afligem nossos povos e expôs — sem pedir licença nem perdão — a dolorosa situação de tantos irmãos e irmãs, situação essa que tantos mecanismos de pós-verdade não puderam esconder. Muitas coisas que dávamos como certas caíram como um castelo de cartas. Temos visto como, de um dia para o outro, o nosso modo de vida pode mudar drasticamente [...]. Os migrantes, os indocumentados, os trabalhadores informais sem renda fixa ficaram, em muitos casos, privados de qualquer auxílio governamental e impedidos de cumprir com as suas tarefas habituais, o que agravou a sua já excruciante pobreza. Uma das expressões dessa cultura da indiferença é que pareceria que esse terço sofredor do nosso mundo não interessa o suficiente à grande mídia e aos formadores de opinião, não aparece. Fica escondido, amontoado. [...]

Irmãs e irmãos, vamos sonhar juntos. E assim, ao pedir isso a vocês, junto com vocês, quero também transmitir algumas reflexões sobre o futuro que devemos construir e sonhar. Eu disse reflexões, mas talvez poderia dizer sonhos, porque neste momento não bastam o cérebro e as mãos, precisamos também do coração e da imaginação: é preciso sonhar para não voltar atrás. Precisamos utilizar essa faculdade tão extraordinária do ser humano que é a imaginação, aquele lugar onde a inteligência, a intuição, a experiência e a memória histórica se encontram para criar, compor, aventurar-se e arriscar. Vamos sonhar juntos, porque foram justamente os sonhos de liberdade e igualdade, de justiça e dignidade, os sonhos de fraternidade os que melhoraram o mundo. E estou convencido que nesses sonhos estará também o sonho de Deus para todos nós, que somos seus filhos... Sonhemos juntos, sonhem entre vocês, sonhem com outros.

**Mensagem de vídeo do Papa Francisco aos movimentos populares.
Vaticano, 2021**



Prefácio

Seis meses depois do primeiro relatório sobre a questão social em tempos de COVID na América Latina e o Caribe, os dados apresentados na segunda versão confirmam a necessidade de mudanças estruturais que abordem as desigualdades e exclusões que parecem se acentuar na nossa região. Após seis meses, os dados de órgãos internacionais e centros de estudos nos mostram a acentuação dos graves efeitos da COVID. Existem também algumas opiniões otimistas sobre a possibilidade de haver algum nível de recuperação econômica. Porém, é evidente que, se mantivermos as estruturas atuais, a desigualdade e o descarte de pessoas continuarão a se aprofundar, assim como os danos à nossa Casa Comum.

Saber discernir os sinais dos tempos é fundamental para assentar com solidez a ação pastoral da nossa Igreja. O conhecimento técnico, junto com o sentimento do Povo de Deus no meio das raízes de nossas sociedades (como aquele manifestado no Tempo de Escuta da Assembleia Eclesial da América Latina e o Caribe), são de grande utilidade para essa tarefa. Ambos se complementam e dão a luz para compreender a realidade e agir em conformidade. Nesse sentido, o novo relatório apresentado pelo Observatório Sócio-Antropológico e Pastoral (OSAP) do Centro de Gestão de Conhecimento do CELAM não é apenas mais uma contribuição técnica. Tem suporte acadêmico, mas analisa a realidade da América Latina e o Caribe do ponto de vista da fé e incorpora uma reflexão teológico-pastoral.

Neste documento encontraremos dados sobre a magnitude da crise, mas ao mesmo tempo a forma como os Estados têm reagido, evitando que o desastre fosse três vezes pior. No mesmo sentido, adverte que o financiamento da ajuda à população está aumentando o endividamento de nossos povos. É um sinal de alerta, pois no fundo isso significa que o custo da pandemia será financiado com maior pobreza.

Preocupa-nos particularmente o fato de estarmos perdendo, na prática, uma geração em termos de formação. A educação tem sofrido imensamente com o impacto da COVID.

Também, o fato de que a recuperação do emprego será mais lenta do que o esperado e, segundo se prevê, mais lenta que a recuperação da economia. Não existe pobreza maior do que não ter trabalho, disse-nos com razão o Papa Francisco. Neste item, os mais afetados são as mulheres e os jovens.

Da mesma forma nos dói que, em termos de moradia e saúde, os déficits estão longe de diminuir. Uma evidência disso é que, embora pouco mais de 8% da população mundial viva em nossa região, o contágio eleva-se a 20% do total global, e as mortes, a 30% dos óbitos por COVID no mundo.

Preocupa-nos também a situação da democracia na América Latina e o Caribe. A população percebe grandes déficits que precisam ser abordados com seriedade.

Tudo isso nos leva a nos colocarmos ativamente nas mãos de Deus. Naturalmente, em oração e ação. Trabalhando sempre para que a vontade do Pai seja cumprida e encarne entre nós. Jamais podemos esquecer que Deus sempre continua criando, e para fazê-lo hoje pede que coloquemos nossa inteligência e nossas mãos em movimento. A busca pela justiça e a solidariedade tem suas raízes no amor a Deus e ao próximo. Este ensinamento, quando assumido de forma plena, tem uma consequência muito clara na dimensão social da evangelização.

Nesse sentido, apresentamos este relatório com a esperança colocada em Deus e também em cada um dos nossos irmãos, sob a proteção de Nossa Senhora de Guadalupe.

D. Jorge Lozano
Arcebispo de San Juan de Cuyo | Secretário-Geral do CELAM





Introdução

Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: «Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente. [...] É preciso uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! [...] Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos». Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.

Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social, 8. Vaticano, 2020

Mais de um ano e meio se passou desde o aparecimento do primeiro caso de coronavírus (COVID-19) na América Latina e o Caribe, o que desencadeou uma crise de saúde que se estendeu junto com uma persistente deterioração do desenvolvimento humano e social. O prolongamento da pandemia do coronavírus (COVID-19) tem custado a vida de cerca de um milhão e meio de pessoas na América Latina e o Caribe e teve mais de 44 milhões de casos confirmados desde o seu surgimento na região, em fevereiro de 2020. A região acumula cerca de um quinto dos casos confirmados de COVID-19 e 30% das mortes em todo o mundo, apesar de ter apenas 8,4% da população mundial.

As condições de vulnerabilidade que caracterizam a América Latina e o Caribe a tornaram especialmente sensível aos efeitos da pandemia. Esta crise sem precedentes revelou a centralidade da saúde e do bem-estar das pessoas e comunidades para o desempenho das economias e do desenvolvimento social. Nesse sentido, o presente relatório põe em evidência como as fragilidades históricas em termos político-econômicos e institucionais, no contexto de crescentes desigualdades

estruturais, têm dificultado o controle da pandemia e seus efeitos sociais.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou que a epidemia originada na cidade de Wuhan devido ao novo coronavírus havia se transformado em uma pandemia. A COVID-19 se espalhou por todos os cantos do mundo, deixando em seu rastro milhões de infectados e mortos e criando uma crise sanitária, econômica e social de dimensões nunca antes vistas. Como mencionou o Santo Padre Francisco na bênção Urbi et Orbi de 28 de março de 2020, “a tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e expõe aquelas falsas e supérfluas certezas com que havíamos construído as nossas agendas, os nossos projetos, rotinas e prioridades”.

Ora, a região estava praticamente estagnada nos anos anteriores à crise econômica de 2020. O crescimento médio havia sido de apenas 0,3% no período 2014-2019. Esse sexênio foi um dos de menor crescimento desde que há registro, apenas comparável aos que incluem a Primeira Guerra Mundial

ou a Grande Depressão (CEPAL, 2021c). A incerteza política, as tensões entre os países mais desenvolvidos e a desaceleração do investimento global já criavam um contexto pouco favorável para o crescimento regional antes do início da pandemia. Nesse contexto, em 2020, como consequência da crise sanitária, a América Latina e o Caribe experimentaram a maior contração econômica dos últimos 120 anos e foi a região que teve o pior desempenho de todas as regiões em desenvolvimento.

A contração poderia ter sido três vezes maior, não fosse pelas políticas de apoio que foram implantadas quase de forma transversal (FMI, 2021). De acordo com as estimativas feitas anualmente pelo Banco Mundial, a queda do Produto Interno Bruto mundial em 2020 foi de 3,5% (Banco Mundial, 2021a). No entanto, a crise não teve efeitos homogêneos em todas as regiões do mundo: os países localizados no hemisfério sul são os que sofreram as maiores quedas no crescimento econômico, com impactos muito significativos e com cenários difíceis de resolver no curto prazo.

Nesse cenário, a pobreza teria somado 22 milhões de pessoas em relação ao ano anterior, com um efeito significativo em crianças. A perda de renda do trabalho devido ao desemprego tem se refletido em aumentos nas taxas de pobreza e também na magnitude da desigualdade de renda. Marcos históricos são registrados no mercado de trabalho, como a diminuição tanto do emprego quanto da participação na força de trabalho e o aumento do desemprego. A situação das pessoas em condições de vulnerabilidade, como trabalhadores informais, mulheres e jovens, indígenas, afrodescendentes, migrantes e pessoas com deficiência, tem piorado. Além disso, o efeito na educação gera o risco de perder uma geração em termos de formação. A crise também causou o fechamento de um grande número de pequenas e médias empresas (PMEs), bem como a destruição do capital humano e do emprego. Isto agrava a heterogeneidade produtiva da região, o que se soma aos baixos níveis de investimento (CEPAL, 2021b).

Figura 1.1. Projeções anuais de crescimento econômico mundial. Em porcentagem (2018-2023).

	2018	2019	2020	Projeções		
				2021p	2022p	2023p
Produto mundial	3,2	2,5	-3,5	5,6	4,3	3,1
Economias avançadas	2,3	1,6	-4,7	5,4	4,0	2,2
Estados Unidos	3,0	2,2	-3,5	6,8	4,2	2,3
Europa ocidental	1,9	1,3	-6,6	4,2	4,4	2,4
Japão	0,6	0,0	-4,7	2,9	2,6	1,0
Mercados emergentes e em desenvolvimento	4,6	3,8	-1,7	6,0	4,7	4,4
América Latina e o Caribe	1,8	0,9	-6,5	5,2	2,9	2,5
Europa e Ásia centrais	3,5	2,7	-2,1	3,9	3,9	3,5
Leste e sudeste asiático	6,5	5,8	1,2	7,7	5,3	5,2
Oriente Médio e Norte da África	0,6	0,6	-3,9	2,4	3,5	3,2
Ásia meridional	6,4	4,4	-5,4	6,8	6,8	5,2
África subsaariana	2,7	2,5	-2,4	2,8	3,3	3,8

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Banco Mundial (2021).

Para o ano de 2021, espera-se uma ampla melhora da situação econômica, com crescimento de 5,6% globalmente. A desagregação dessa projeção permite visualizar que as economias avançadas cresceriam 5,4% neste ano, conseguindo reverter os efeitos da COVID-19 e retornar à trajetória do desenvolvimento. No caso das economias emergentes, espera-se alta de 6% em 2021, mas nem todas as regiões serão capazes de reverter a queda provocada pela pandemia, e essa recuperação não será suficiente para recuperar os níveis de PIB de 2019 (CEPAL, 2021b). Além disso, a gestão sanitária da pandemia está gerando novas instabilidades econômicas, entre elas o aumento da dívida pública para satisfazer o aumento dos gastos públicos, bem como o aumento da inflação e a desvalorização das moedas locais em relação ao dólar dos EUA (Banco Mundial, 2021a).

A chegada da COVID gerou uma crise sistêmica em todos os países da região. Estima-se uma queda no produto bruto regional de 6,5% em 2020 (Banco Mundial, 2021a), com impactos ainda mais abruptos na Argentina (-9,9%), Peru (-11,1%), Panamá (-17,9%) e nas economias dependentes do turismo, como Belize, Bahamas, Barbados ou Jamaica, que apresentam quedas de mais de 10%. Na maioria desses casos, as taxas de crescimento esperadas não serão suficientes para reverter o efeito COVID, pelo menos em 2021. Poucos são os casos poderão retornar às condições de 2019, entre os quais Brasil, Chile, Guatemala e Paraguai, onde se espera crescimento superior ao do ano anterior à chegada da COVID.

Os países da América Latina e do Caribe são caracterizados por condições estruturais de desigualdade, vulnerabilidade e exclusão social que se combinam e se reproduzem com a informalidade e a precariedade do emprego, a debilidade dos sistemas de proteção social e as estruturas produtivas com baixo nível de integração e capacidade limitada para manter níveis de crescimento sustentáveis. Essas condições se refletem na estrutura institucional dos sistemas de saúde e têm sido agravadas pela pandemia. Com sistemas de saúde subfinanciados e fragmentados (CEPAL/OPAS, 2020) e sistemas de proteção social fracos e insuficientes, uma

proporção significativa da população da região tem tido as suas necessidades básicas insatisfeitas aprofundadas.

Assim, além do alarmante cenário sanitário que a pandemia representou para a saúde pública dos países da América Latina e o Caribe, tornou-se evidente a fragilidade do modelo de desenvolvimento da região, em termos econômicos, sociais e ambientais. Os múltiplos e profundos impactos que a crise sanitária teve e continua a ter, apesar da recuperação econômica, revelam a vulnerabilidade estrutural da região. A pandemia de COVID-19 não só deixou clara a necessidade de implementar políticas abrangentes e de reconhecer a interdependência que existe entre saúde, economia, desenvolvimento social e meio ambiente (CEPAL/OPAS, 2020), mas também, em vista de seu prolongamento, consolidou-se a centralidade da ação tanto do Estado quanto dos mercados e da sociedade civil.

Atualmente, há um consenso entre os organismos internacionais sobre os possíveis rumos que a recuperação pós-COVID-19 pode tomar. Dois cenários possíveis são propostos: um primeiro cenário será caracterizado por uma recuperação oscilante, onde um crescimento lento começaria a ocorrer a partir de 2022 acompanhado de baixa confiança causada por possíveis surtos de novos casos de COVID-19, juntamente com um aumento das vulnerabilidades econômicas que complicariam as condições financeiras. Um segundo cenário, por outro lado, seria caracterizado por uma expansão sustentada, acompanhada por um aumento da confiança e pelo ritmo acelerado da mudança tecnológica. Essa visão otimista, entretanto, perde de vista o fato de que, se não houver mudanças estruturais nos modelos de desenvolvimento e distribuição, as desigualdades e exclusões estruturais irão se aprofundar apesar dos avanços.

Figura 1.2. Projeções interanuais de crescimento econômico na América Latina e o Caribe. Em porcentagem (2018-2023).

	Projeções					
	2018	2019	2020	2021p	2022p	2023p
América Latina e o Caribe	1,8	0,9	-6,5	5,2	2,9	2,5
América do Sul						
Argentina	-2,6	-2,1	-9,9	6,4	1,7	1,9
Bolívia	4,2	2,2	-8,8	4,7	3,5	3,0
Brasil	1,8	1,4	-4,1	4,5	2,5	2,3
Chile	3,7	0,9	-5,8	6,1	3,0	2,5
Colômbia	2,6	3,3	-6,8	5,9	4,1	4,0
Equador	1,3	0,1	-7,8	3,4	1,4	1,8
Guiana	4,4	5,4	43,5	20,9	26,0	23,0
Paraguai	3,2	-0,4	-0,6	3,5	4,0	3,8
Peru	4,0	2,2	-11,1	10,3	3,9	3,5
Suriname	2,6	0,3	-14,5	-1,9	0,1	1,3
Uruguai	0,5	0,4	-5,9	3,4	3,1	2,5
América Central						
Belize	2,9	1,8	-14,1	1,9	6,4	4,2
Costa Rica	2,1	2,2	-4,1	2,7	3,4	3,1
El Salvador	2,4	2,6	-7,9	4,1	3,1	2,4
Guatemala	3,3	3,9	-1,5	3,6	4,0	3,8
Honduras	3,8	2,7	-9,0	4,5	3,9	3,8
México	2,2	-0,2	-8,3	5,0	3,0	2,0
Nicarágua	-3,4	-3,7	-2,0	0,9	1,2	1,4
Panamá	3,6	3,0	-17,9	9,9	7,8	4,9
Dominica	2,3	3,6	-10,0	1,0	3,0	2,5
Caribe						
Bahamas	3,0	1,2	-16,2	2,0	8,5	4,0
Barbados	-0,6	-0,1	-18,0	3,3	8,5	4,8
República Dominicana	7,0	5,1	-6,7	5,5	4,8	4,8
Granada	4,1	1,9	-12,6	3,5	5,0	4,9
Haiti	1,7	-1,7	-3,3	-0,5	1,5	2,0
Jamaica	1,9	0,9	-10,0	3,0	3,8	3,2
Santa Lúcia	2,6	1,7	-20,4	2,6	11,5	8,1
São Vicente e Granadinas	2,2	0,5	-3,8	-6,1	8,3	6,1

Fonte: Elaboração própria com base em dados do Banco Mundial (2021).



Resumo Executivo

1. Sonho Ecológico

Cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos de nos constituirmos como um “nós” que habita a casa comum. Esse cuidado não interessa aos poderes económicos que precisam de lucros rápidos. Frequentemente as vozes que se levantam em defesa do ambiente são silenciadas ou ridicularizadas, disfarçando de racionalidade o que não passa de interesses particulares. Nessa cultura que estamos gestando, vazia, imediatista e sem um projeto comum, «é previsível que, diante do esgotamento de alguns recursos, vá se criando um cenário favorável para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações».

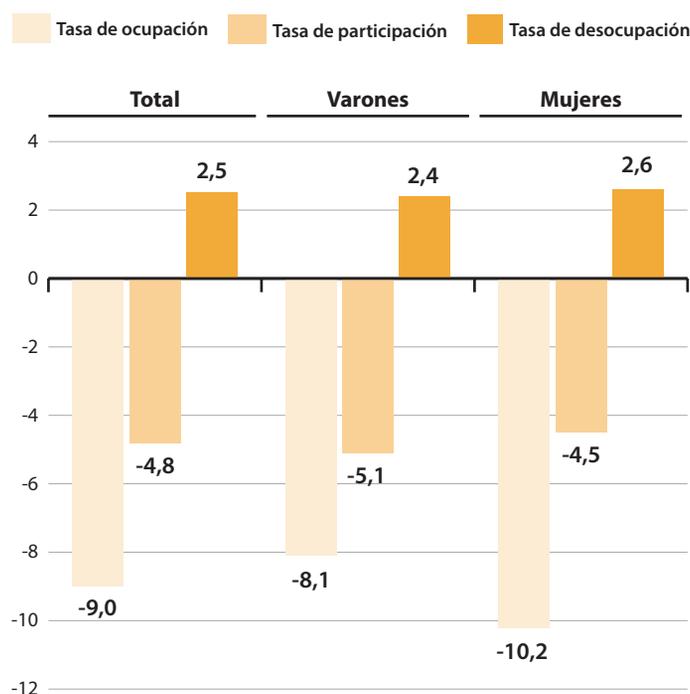
Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social, 17. Vaticano, 2020

A situação do emprego

- ▶ Antes do início da pandemia de COVID-19, a OIT (2020) estimava que cerca de 470 milhões de pessoas em todo o mundo não tinham acesso a trabalho remunerado. Na América Latina e o Caribe, antes da pandemia, 26 milhões de pessoas estavam desempregadas (8,1% da população

regional). Estima-se que 35 milhões de empregos foram perdidos na região durante a crise. Em outras palavras, mais de 50 milhões de pessoas enfrentaram a pandemia sem emprego para seu sustento.

Figura 2.1. Variação nas taxas de emprego, participação e desemprego por gênero na América Latina e o Caribe. Em porcentagem (2019-2020).



Fonte: Elaboração própria com base em dados da CEPAL (2021).

- ▶ É importante notar que a perda de emprego não teve como principal efeito um aumento no desemprego ou do emprego informal, mas sim uma considerável transição para a inatividade forçada (OIT, 2021a). Nesse contexto, os países latino-americanos anunciaram medidas com o objetivo de proteger a renda dos trabalhadores formais, entre as quais se destacam as medidas de proteção às pessoas empregadas, a redução da jornada de trabalho e a proibição de demissões.
- ▶ No entanto, essas medidas não conseguiram deter a perda de empregos entre os trabalhadores informais e as pequenas empresas. A contração do emprego concentrou-se nos trabalhos mais precários, informais e de baixa remuneração, levando a uma queda significativa da massa salarial total (CEPAL, 2021b). Foi o caso do Uruguai (5%), Argentina (9%), Costa Rica (15%) e Peru (mais de 25%).
- ▶ O impacto da crise foi maior no emprego informal de mulheres e jovens. Entre 2019 e 2020, o número de pessoas empregadas se reduziu em quase 25 milhões, das quais quase 13 milhões eram mulheres (CEPAL, 2021c). Isso se traduziu em uma taxa de desemprego feminino de 11,9%. O que se detecta no ano de 2021 é que muitas mulheres que perderam o emprego em 2020 não voltaram a procurar trabalho devido à sobrecarga das demandas nas tarefas dos lares.
- ▶ Apesar do aumento do número de pessoas empregadas, até o primeiro trimestre de 2021 a região havia recuperado apenas 58% do total de empregos perdidos durante a crise. Para o ano de 2021, estima-se que a taxa de participação no trabalho aumentará 3,4 pp, passando de 57,7% em 2020 para 61,1% em 2021 (CEPAL, 2021b). Os homens recuperariam níveis de participação semelhantes aos que registravam antes da crise, enquanto as mulheres alcançariam taxas de participação semelhantes às de 2006 (49%). Dado o lento aumento dos níveis de emprego e as maiores taxas de participação, a taxa de desemprego aumentaria de 10,5% para 11% entre 2020 e 2021. Assim

como nas taxas de participação, as mulheres teriam um resultado pior, com uma taxa de desemprego que seria de 12,7% (CEPAL, 2021b).

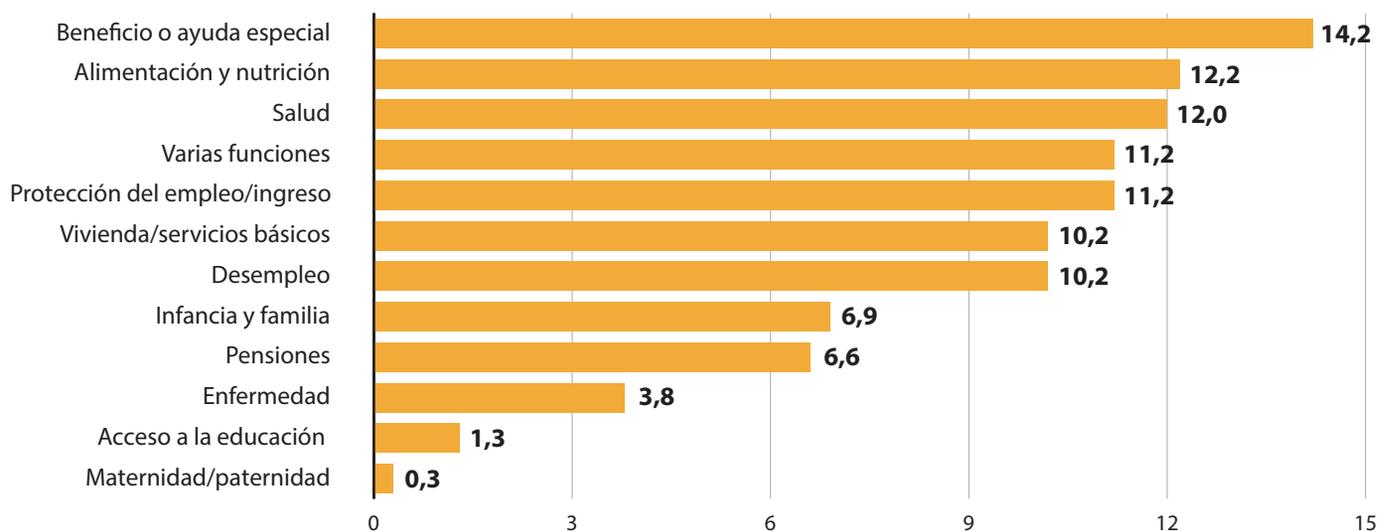
Proteção social e pandemia

- ▶ Com o início da pandemia, a OIT (2021c) estima que cerca de 1600 medidas de proteção social foram anunciadas no ano de 2020 no mundo, executadas principalmente através de pensões e subsídios, proteção de renda e emprego, seguros de desemprego, saúde, moradia, prestação de serviços básicos e fornecimento de alimentos.
- ▶ Em relação à proteção social na América Latina e o Caribe, a tendência tem sido de aumento na última década, com avanços importantes na cobertura de grupos tradicionalmente excluídos. O início da crise sanitária, social e econômica provocada pela COVID-19 trouxe à tona a importância dos sistemas de proteção social em sociedades com altos níveis de vulnerabilidade, como as latino-americanas e caribenhas.
- ▶ Em 2020, 32 países da América Latina e o Caribe adotaram 263 medidas de proteção social não contributivas destinadas a manter o consumo e garantir condições básicas de vida. 46% dessas medidas correspondem a transferências monetárias (326 milhões de pessoas na região receberam transferências emergenciais), 22% a fornecimento de bens e serviços, 12% referem-se ao acesso a serviços básicos e 20% correspondem a apoio direto a indivíduos e famílias. Isso mostra a rápida ativação de respostas por parte dos governos da região.
- ▶ O início de um novo aumento de casos em 2021 tornou necessário retomar e fortalecer as medidas anunciadas em 2020, com foco especialmente nas transferências monetárias e no acesso aos serviços básicos (CEPAL, 2021d). Entre março e abril de 2021, foram retomadas as

transferências monetárias na maioria dos países da região (Renda Familiar Emergencial na Argentina e Chile, Auxílio Família na Bolívia, Renda Solidária na Colômbia, entre outros) e também as garantias de acesso a serviços básicos (suspensão de cortes de serviços por falta de pagamento,

congelamento de tarifas, isenção de pagamento de contas, proibição de aumentos). No entanto, esse não foi o caso da Costa Rica, El Salvador, Guatemala e Paraguai, que não anunciaram a retomada das transferências diante do início da nova onda (CEPAL, 2021b).

Figura 2.2. Distribuição das medidas por função da proteção social na América Latina e o Caribe. Em porcentagem do total de medidas anunciadas (fevereiro - agosto de 2020).



Fonte: Elaboração própria com base em dados da OIT.

- ▶ Nesse contexto, foi fundamental a colaboração de organizações da sociedade civil e organizações não governamentais, que conseguiram chegar àquelas populações às quais o governo não consegue prestar assistência. Essas organizações realizaram estratégias de conscientização e informação sobre as medidas de prevenção do contágio, campanhas de distribuição de alimentos, produtos de higiene, atendimento a idosos e presidiários, além de auxílio emergencial a orfanatos, comunidades indígenas, comunidades rurais e migrantes.
- ▶ É tarefa dos governos estabelecer sistemas fiscais e redistributivos de forma que a riqueza de uma das partes seja compartilhada com equidade. Atualmente, milhões de pessoas na região sofrem com o excesso de trabalho, enquanto milhões de outras sofrem com a falta dele. Da mesma forma, a experiência latino-americana reforça a necessidade de implementar sistemas universais e integrais de proteção social, ampliando a sua cobertura, especialmente em um contexto de elevada pobreza. O salário-base universal, as transferências universais para a

infância e a ampliação das pensões sociais são medidas a considerar para que cada pessoa possa ter acesso aos bens mais elementares da vida.

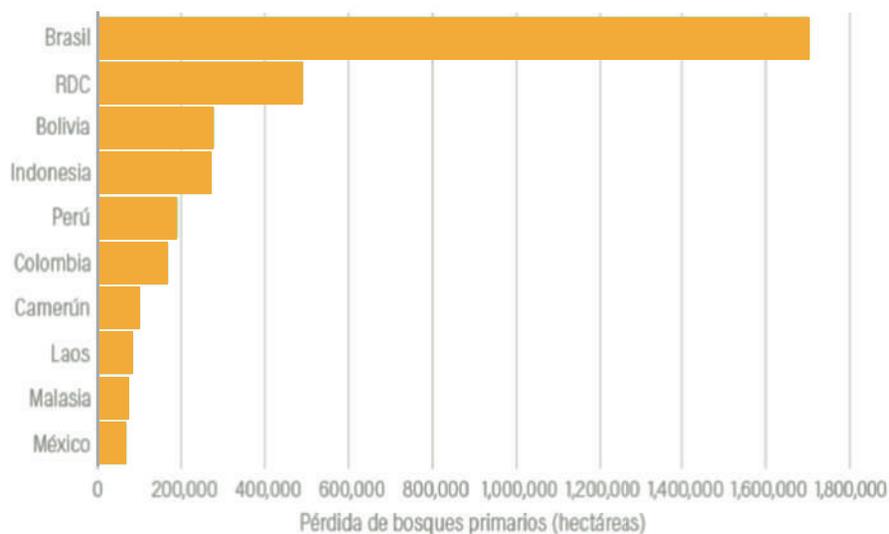
Meio ambiente e mudança climática

▶ A mudança climática é um dos problemas mais importantes que a humanidade enfrentará nas próximas décadas, sendo urgente uma mudança nos paradigmas de produção e de consumo para reverter os danos já causados. A América Latina e o Caribe é uma região particularmente vulnerável ao impacto do clima devido às suas características geográficas, climáticas, socioeconômicas e demográficas (CEPAL, 2019).

▶ Na região, as quarentenas, a circulação reduzida e o fechamento de estabelecimentos comerciais produziram, em contrapartida, melhorias locais na qualidade do ar em cidades como Bogotá, Cidade do México, Rio de Janeiro e Santiago. No entanto, essas melhorias, assim como as das emissões de gases de efeito estufa, foram temporárias e se dissiparam com a retomada das atividades econômicas.

▶ Na América Latina, o desmatamento indiscriminado não cessou, apesar do início dos períodos de confinamento. Dos 10 países com maior perda de florestas nativas, 5 são da América Latina (Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia e México), dos quais 4 possuem parte da floresta amazônica em seu território (World Resources Institute, 2021). No caso do Brasil, em 2020 perderam-se cerca de 1,8 milhão de hectares de florestas cobertas.

Figura 2.3. Perda de florestas nativas. Em hectares (2020).



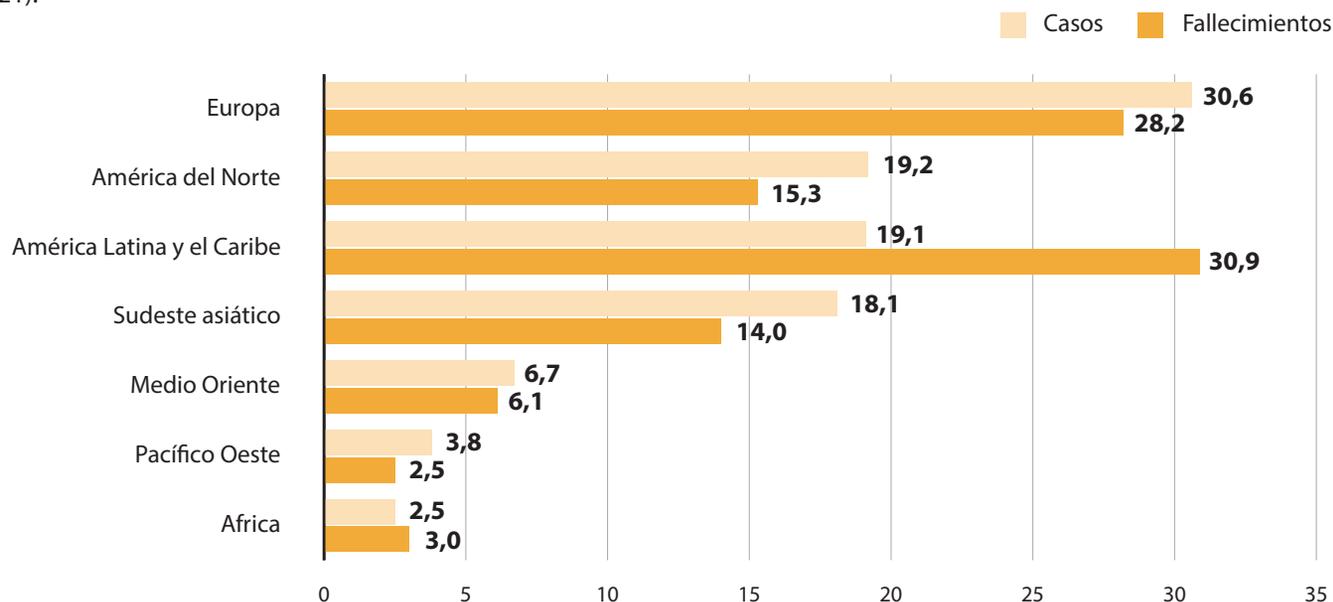
Fonte: World Resources Institute.

- ▶ Por outro lado, a situação ambiental da região também é marcada por desastres naturais. 2020 foi o segundo ano mais quente da história, com secas e tempestades intensas. Como consequência da mudança do clima, as tempestades são mais longas e intensas em nossa região, gerando ainda mais complicações para a situação sanitária (OMM, 2021). Em 2020, mais de 200 pessoas morreram na América Central devido aos furacões Eta e Iota, que também deixaram perdas econômicas multimilionárias em infraestrutura e produção de alimentos como resultado das enchentes.
- ▶ Para o ano de 2021, os organismos internacionais preveem um aumento de cerca de 5% nas emissões de gases de efeito estufa na América Latina e o Caribe, afastando-se da meta de 0% de emissões para o ano de 2030 (CEPAL, 2021b). Por outro lado, o World Resources Institute (2021) detectou um aumento de 17% no desmatamento no primeiro semestre de 2021 em relação ao mesmo período de 2020. No tocante aos desastres naturais, a OMM (2021) espera uma temporada com menos atividade para tempestades tropicais, em comparação com o ano anterior, como pôde ser visto com o furacão Ida no Atlântico Norte.
- ▶ A pandemia de COVID-19 rapidamente se tornou uma ameaça para a saúde de toda a população mundial. Até o momento, a OMS relatou cerca de 240 milhões de casos e quase 5 milhões de mortes. Tanto a América Latina e o Caribe quanto a América do Norte têm cerca de 19% dos casos mundialmente. Em conjunto, o continente americano é responsável por quase 40% dos casos em todo o mundo, seguido pela Europa com cerca de 30% dos casos. Mas o maior número de mortes ocorre na América Latina e o Caribe, chegando a 30,9% das mortes globalmente. É importante destacar que, apesar de ter um número semelhante de casos, a América Latina e o Caribe têm quase o dobro de óbitos que a América do Norte, expondo as deficiências do sistema de saúde no enfrentamento da pandemia.
- ▶ O elevado número de óbitos na América Latina e o Caribe pode ser explicado, em grande parte, pela incidência de comorbidades ou doenças crônicas na população da região, dentre elas doenças cardiovasculares, renais, respiratórias, diabetes, obesidade e hipertensão. A população com esse tipo de doenças foi a mais suscetível a desenvolver um quadro grave de COVID-19, em comparação com aqueles que não têm comorbidades (OPAS, 2021).

Sistemas e saúde na pandemia

- ▶ Antes do início da pandemia, o estado da saúde na América Latina e o Caribe apresentava grandes complicações, especialmente devido à prevalência de doenças não transmissíveis e pelas deficiências no funcionamento dos sistemas de saúde devido à falta de financiamento adequado para esse setor (cerca de 3% do PIB regional investido em sistemas de saúde). Segundo a CEPAL (2020f), os sistemas de saúde de nossa região encontram-se subfinanciados, segmentados e fragmentados.
- ▶ Por outro lado, neste contexto de incerteza, as situações de crise e o medo do desconhecido afetam a saúde mental e o bem-estar psicossocial das populações. O fato de ter que enfrentar uma situação desconhecida como a pandemia pode fazer com que as pessoas tenham sentimentos relacionados ao medo, a preocupação e o estresse. Essas são respostas normais em momentos em que enfrentamos incertezas ou situações de mudança ou crise, que podem se estender por vários anos após a experiência da pandemia (OPAS, 2020).

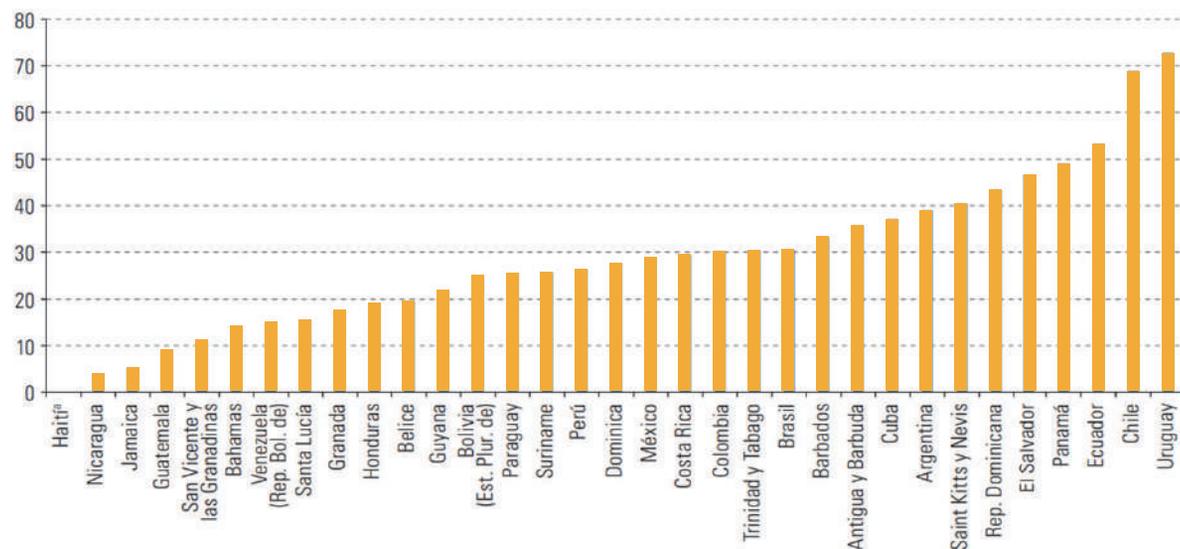
Figura 2.4. Casos confirmados e mortes por COVID-19 no mundo, por região. Em porcentagem (março de 2020 - outubro de 2021).



Fonte: Elaboração própria com base em dados da OMS.

- ▶ Nesse contexto, o desenvolvimento de vacinas ocorreu em velocidade recorde. Mais de 15 tipos de vacinas foram desenvolvidas e aprovadas ao longo de 2020, permitindo que as campanhas de vacinação começassem no final daquele ano. A OMS menciona que até o momento (18 de outubro de 2021), o número de vacinados no mundo chega a 6.544.787.495, dos quais apenas 2.767.036.072 possuem esquema de vacinação completo. No entanto, de acordo com a OPAS (2021), 75% da população da América Latina e o Caribe ainda não está totalmente vacinada contra a COVID-19 e na região mais de um terço dos países ainda não vacinou mais de 20% da população objetivo.
- ▶ O país que mais avançou na imunização da população é o Uruguai (cerca de 75% das pessoas vacinadas), seguido do Chile (cerca de 70%). Em contraste, alguns países da América Central e o Caribe (como Haiti, Guatemala, Jamaica e Nicarágua) ainda não conseguiram vacinar pelo menos 10% de sua população. Segundo estimativas da OPAS (2021), o número de vacinas que devem ser fornecidas nos diversos países da América Latina e o Caribe para poder imunizar 60% da população, corresponde a 540 milhões de doses, situação complexa considerando o déficit de vacinas e os recursos que implica poder contar com as doses necessárias nos diversos países.

Figura 2.5. Cobertura de esquemas completos de vacinação contra a COVID-19. Em porcentagem da população (2021).



Fonte: O prolongamento da crise sanitária e seu impacto na saúde, na economia e no desenvolvimento social, CEPAL, 2021.

2. Sonho social

Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece a um setor humano digno de viver sem limites. No fundo, «as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se “ainda não servem” (como os nascituros) ou “já não servem” (como os idosos). Tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício, a começar pelo alimentar, que aparece entre os mais deploráveis».

Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social, 18. Vaticano, 2020

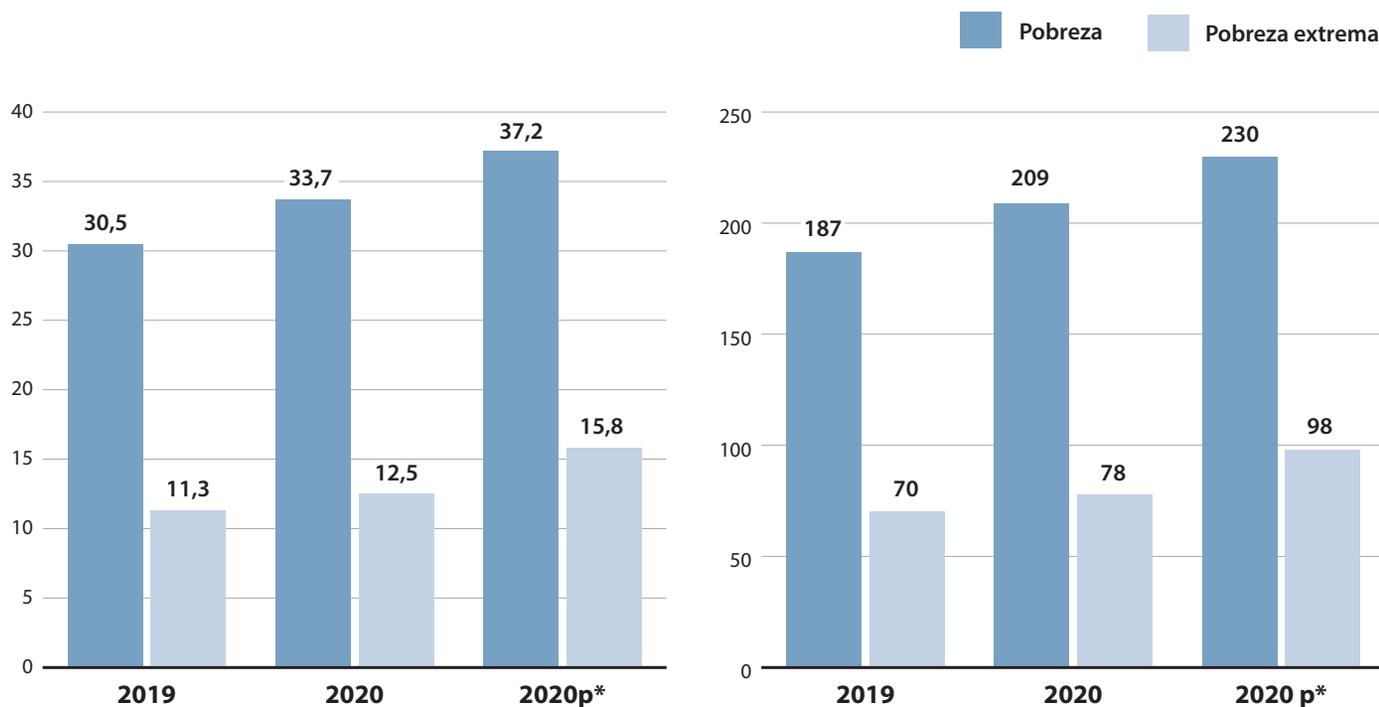
Empobrecimento, indigência e desigualdade

- ▶ Antes da pandemia, a pobreza e a miséria no mundo afetavam cerca de 1,3 bilhão de pessoas em 2018, e registrava-se um processo de lenta porém sistemática diminuição. Mas um ano após o início da pandemia de COVID-19, o Banco Mundial (2021) estima que, em 2020, entre 119 e 124 milhões de pessoas caíram na pobreza e entre 88 e 93 milhões na pobreza extrema, o que implica um aumento da pobreza global pela primeira vez em 20 anos.
- ▶ Em contraste com a situação mundial, na América Latina e o Caribe vinha sendo observado um aumento dos níveis de pobreza e de indigência durante a última década, principalmente como consequência do aumento

da pobreza na Venezuela, Brasil, Argentina e Equador. Em 2019, a pobreza na região atingia 30,5% da população, dos quais 11,3% eram indigentes. O início da pandemia, juntamente com a perda de empregos e a redução da renda fruto do trabalho, levou a uma piora das condições de vida e a uma significativa transição para a pobreza: 22 milhões de pessoas caíram na pobreza, das quais 8 milhões caíram na pobreza extrema. A CEPAL (2021c) estimou que, em um cenário sem medidas de proteção social, o aumento teria sido de mais de 40 milhões de pessoas.

- Foi fundamental, nesse contexto, o papel da economia social na satisfação das necessidades econômicas por fora da economia de mercado, mostrando a sua capacidade de resposta em situações críticas. No entanto, a economia social ainda é limitada quando se trata de promover a saída de famílias e indivíduos de situações de pobreza e privação injusta.

Figura 3.1. Taxas de pobreza e pobreza extrema e pessoas que vivem na pobreza e na pobreza extrema na América Latina. Em porcentagens e milhões de pessoas (2019-2020*).



* p = projeção que estima a ausência do efeito da proteção social sobre a pobreza e a pobreza extrema.

Fonte: Elaboração própria com base em dados da CEPAL.

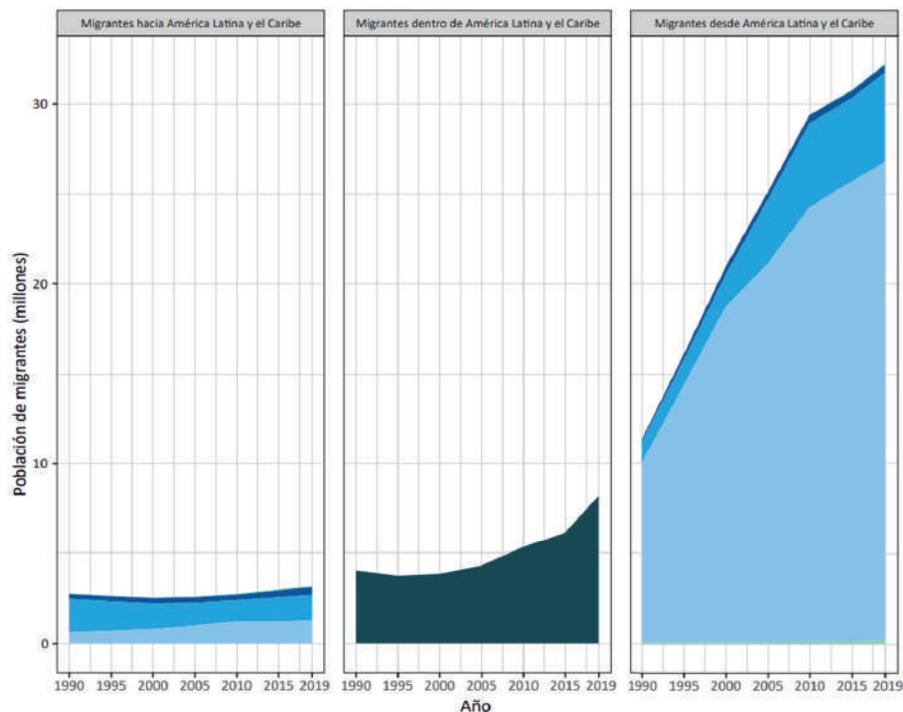
- ▶ A primeira década do século 21 trouxe consigo uma diminuição da desigualdade em nossa região, coincidindo com um período de expansão econômica. No entanto, a década 2010-2020 foi caracterizada por uma estagnação conjunta das economias, resultando numa piora constante da qualidade de vida nos últimos anos, bem como numa diminuição lenta da desigualdade na distribuição de renda. Para o ano de 2019, o índice de Gini foi em média 0,460. Os menores valores, abaixo de 0,40, são registrados na Argentina e no Uruguai, enquanto no Brasil e na Colômbia superam 0,52 (CEPAL, 2021c).
- ▶ Em 2020, a conjunção da crise econômica, do trabalho e da saúde produziu aumento da desigualdade de renda em todos os países da região. A CEPAL (2021c) estima um aumento de 5,6% no índice de Gini entre os anos 2019-2020, com variações regressivas em todos os países da região. No entanto, ao incorporar as transferências feitas pelos governos para mitigar a perda de renda, a expectativa de aumento da média do índice de Gini para a região seria de 2,9%. Os países menos afetados serão Guatemala e Paraguai, com variações entre 1 e 1,9%; os países com maior aumento da desigualdade serão Argentina, Equador e Peru, com variações de 6% ou mais em seus índices de Gini.

Rejeitados sociais

- ▶ Num contexto de aumento da pobreza e da desigualdade, é fundamental colocar em primeiro lugar de visibilidade aqueles que são cruelmente rejeitados pela sociedade, que sofrem intensamente as consequências da pandemia: os idosos, os migrantes, os povos indígenas e as pessoas com deficiência. Essas populações são particularmente vulneráveis na América Latina e o Caribe, pois é onde a pobreza, a marginalização e o abandono estão mais concentrados.
- ▶ Em 2019, os idosos representavam 13% da população da América Latina e o Caribe (84,9 milhões de pessoas). Até 2030, estima-se que cerca de 17% da população será maior de idade, denotando um processo de envelhecimento gradual da população regional (CEPAL, 2020b). O início da pandemia expôs essa população a maiores riscos para a saúde, uma vez que são os mais propensos a ter um quadro grave de uma doença, principalmente se já tiverem doenças pré-existentes.
- ▶ Na grande maioria dos países da região, os idosos sofrem de doenças cardiovasculares (acidentes vasculares cerebrais e doenças isquêmicas do coração), doenças respiratórias crônicas e diabetes (CEPAL, 2020c). Somam-se a essas comorbidades também uma série de situações, como a convivência em estruturas familiares intergeracionais ou a residência em hospitais geriátricos ou lares de idosos, que aumentam o risco de contágio para as pessoas idosas, bem como a ineficácia dos sistemas de saúde e suporte para proteção desse grupo populacional (Acosta et al, 2021).
- ▶ Os migrantes constituem uma massa de 272 milhões de pessoas (3,5% da população mundial), segundo cálculos da OMM para o ano de 2019. Na América Latina e o Caribe, a migração caracteriza-se fundamentalmente por ser para fora da região, embora nos últimos anos tem havido um aumento considerável na migração intra-regional. A região testemunhou um aumento sem precedentes nos fluxos migratórios, especialmente na América Central e desde a Venezuela (BID, 2021).
- ▶ O início da crise pela chegada da COVID-19 à região causou a paralisação dos movimentos internacionais de pessoas, o fechamento temporário e indefinido de fronteiras e a imposição de medidas de confinamento interno. A falta de acesso a moradia adequada, a falta de documentação e o impacto nos empregos informais complicam ainda mais a situação dos migrantes em nossa região, sendo uma das populações mais vulneráveis à pandemia.

- ▶ A OIT (2019) estimou que, no mundo, cerca de 476,6 milhões de pessoas pertencem a povos indígenas, o que representa cerca de 6,2% da população. Estima-se que 58 milhões de pessoas de 800 povos indígenas vivem na América Latina, o que representa 9,8% da população regional. Com a pandemia, o acesso limitado a mercados e serviços de saúde em áreas florestais tornou os povos indígenas dessas regiões especialmente vulneráveis. A situação é ainda mais crítica no caso dos idosos que vivem nessas comunidades, bem como das mulheres e meninas indígenas (CEPAL, 2020d).
- ▶ Cerca de 15% da população mundial (1 bilhão de habitantes) sofre de alguma forma de deficiência, e a prevalência da deficiência é maior nos países em desenvolvimento. Segundo a CEPAL (2020e), mais de 70 milhões de pessoas com deficiência residem na América Latina. As discriminações que sofrem são múltiplas e são reforçadas por gênero, idade, local de residência, nível socioeconômico e situação migratória. Diante da pandemia, esperam-se retrocessos significativos na inclusão social e aquisição de direitos, visto que houve um agravamento das iniquidades e desvantagens previamente vigentes.

Figura 3.2. Migrantes desde, dentro e para a América Latina e Caribe. Em milhões de migrantes (1990-2019).



Fonte: Relatório mundial sobre migração 2020, OIM, 2021.

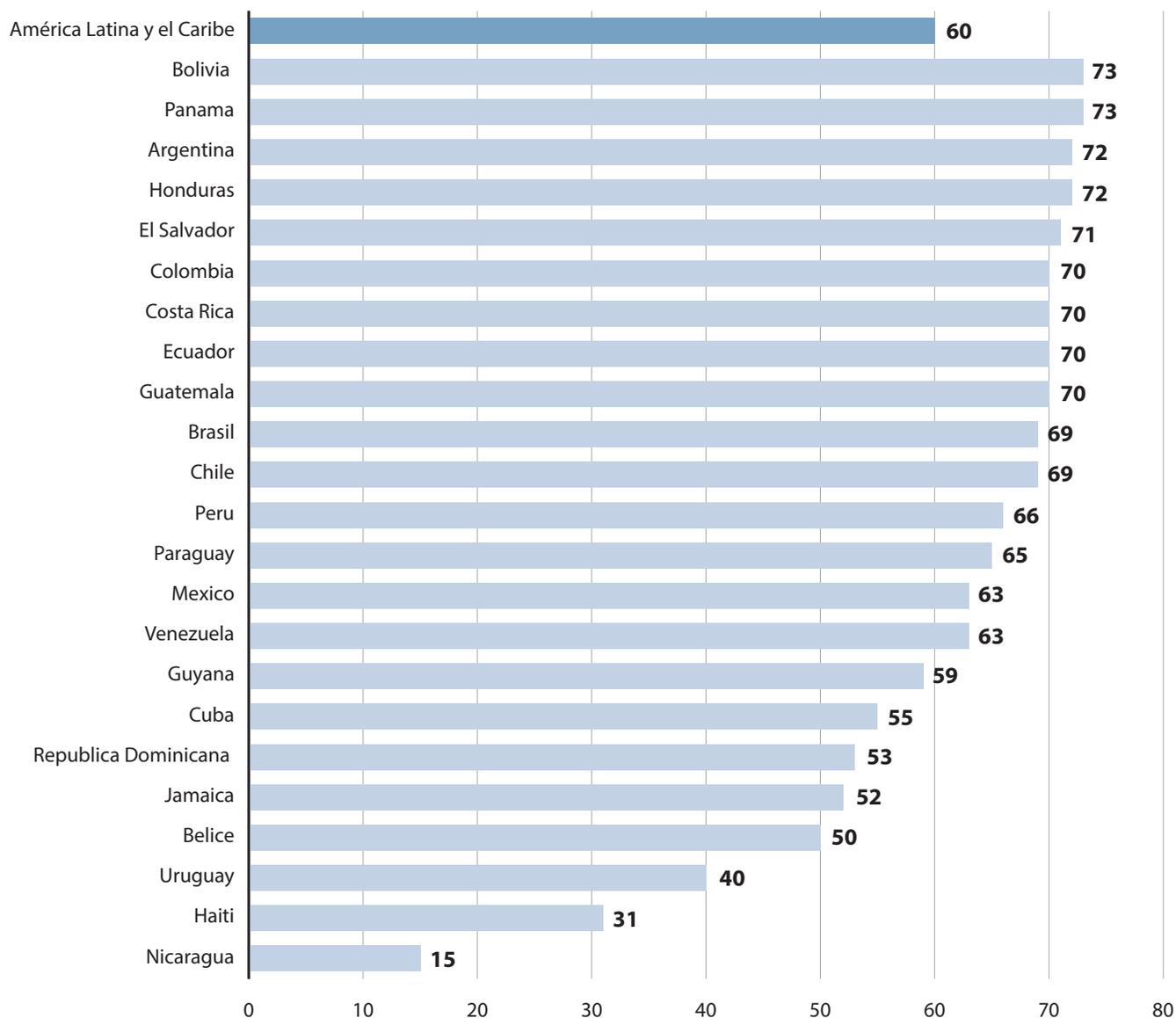
A situação das crianças e os adolescentes

- ▶ Na América Latina e o Caribe existem cerca de 190 milhões de crianças e adolescentes. Nas últimas duas décadas, avanços importantes foram feitos nas áreas de saúde, nutrição, educação e cuidado dos direitos das crianças. No entanto, em 2019 estima-se que 47,2% dos menores de idade se encontravam em situação de pobreza e 19,6% em situação de indigência (CEPAL, 2021). O impacto da crise gerada pela COVID foi ainda mais negativo entre as crianças e adolescentes afetados pela “pandemia da desigualdade”, que deteriora as oportunidades de vida e compromete suas perspectivas de desenvolvimento (UNICEF, 2021).
- ▶ Isso nos fala de uma grande dívida de todos os atores da sociedade para com o desenvolvimento da população que constitui o futuro da humanidade. O início da pandemia e a nova crise abala a realidade da infância, por meio da interrupção da educação, da limitação do acesso a serviços de proteção e de saúde, do aumento das situações de violência e maus-tratos, além de repercussões na saúde física e mental.
- ▶ UNICEF (2021) estima que 3 em cada 10 crianças e adolescentes estão com excesso de peso na América Latina, causado principalmente pelo consumo de alimentos ultraprocessados e bebidas açucaradas, que são de fácil acesso, baixo custo e grande divulgação nos meios de comunicação de massa, além da falta de atividade física. Durante a pandemia, o problema se intensifica em razão do acesso limitado a alimentos saudáveis: muitas famílias perderam a sua renda, somado ao aumento dos preços dos alimentos e à impossibilidade de receber alimentação na escola.
- ▶ A pandemia também tem efeitos negativos na saúde física e mental das crianças (Wang et al, 2021): durante os

períodos de confinamento, as horas de atividade foram afetadas, resultando em um aumento do tempo na frente das telas (telefones celulares, computadores, tablets), alterações nos padrões de sono e perda de atividade física.

- ▶ As desigualdades na infância são agravadas no caso do acesso à educação durante a pandemia. A América Latina e o Caribe são a região mais afetada pelo fechamento de escolas: cerca de 60% de todas as crianças e adolescentes perderam um ano letivo completo. Em média, as escolas na América Latina e no Caribe ficaram fechadas por 60 semanas. Aqueles que puderam continuar com suas aulas (seja por meio de dispositivos eletrônicos ou envio de tarefas por parte dos professores) também foram prejudicados devido ao pouco ou nenhum acompanhamento familiar, o que de forma alguma pode ser equiparado ao acompanhamento presencial por profissionais da educação (ONU, 2021).

Figura 3.3. Número de semanas sem aulas presenciais na América Latina e no Caribe. Em número de semanas (março de 2020 - setembro de 2021).



Fonte: Elaboração própria com base em dados da UNESCO.

A situação das mulheres

- ▶ A situação das mulheres na América Latina não foi estudada extensivamente por organizações regionais. No entanto, as pesquisas realizadas durante os anos de 2020 e 2021 permitem reconhecer os impactos negativos da pandemia na população feminina, especialmente vulnerável à COVID-19.
- ▶ Entre os impactos detectados em 2020, constatou-se um aumento significativo da violência contra a mulher, consequência direta das medidas obrigatórias de isolamento social para prevenir a propagação do vírus. Essas situações ficam evidentes no aumento das denúncias de violência de gênero: na província de Buenos Aires, Argentina, houve um aumento de 32% e em Bogotá, na Colômbia, um aumento de 187% por meios telefônicos e 774% por meios virtuais.
- ▶ Por outro lado, a pandemia afetou gravemente a autonomia econômica das mulheres, especialmente devido à queda dos níveis de emprego e o aumento da desocupação e da inatividade. Segundo a CEPAL (2021e), a pandemia causará uma redução nos níveis de emprego das mulheres, o que representa um retrocesso de pelo menos dez anos. A consequência direta dessa deterioração foi o aumento da diferença salarial entre homens e mulheres.
- ▶ Essas situações não só limitam as possibilidades de desenvolvimento pessoal das mulheres, mas também geram uma sobrecarga na responsabilidade do cuidado e do trabalho doméstico, devido à distribuição desigual das tarefas domésticas. Essa sobrecarga gera um atraso no retorno das mulheres ao mercado de trabalho.
- ▶ Também é importante destacar o impacto da pandemia na saúde mental das mulheres. Estudos realizados em alguns países da América Latina (Ramírez Coronel et al, 2020; Goncalves et al, 2020, Romero et al, 2020) indicam aumentos na ansiedade, depressão e consumo geral de

álcool, bem como um alto grau de resiliência diante da emergência sanitária.

3. Sonho cultural

Reconhecer cada ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que assegurem a sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade. Com efeito, um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no «campo da caridade mais ampla, a caridade política». Trata-se de avançar rumo a uma ordem social e política cuja alma seja a caridade social. Convido uma vez mais a revalorizar a política, que «é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum».

Carta Encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social, 180. Vaticano, 2020

Direitos humanos

- ▶ A América Latina e o Caribe é uma das regiões mais perigosas do mundo em termos de direitos humanos: a pobreza e a pobreza extrema, o acesso precário à água e saneamento, a insegurança alimentar, a poluição ambiental e a falta de moradias adequadas colocam a região em uma situação de extrema vulnerabilidade a doenças.

- ▶ A pandemia pode afetar seriamente a plena observância dos direitos humanos da população devido aos graves riscos para a vida, saúde e integridade pessoal que representa a COVID-19; bem como seus impactos de curto, médio e longo prazos nas sociedades em geral e nas pessoas e grupos em situação de especial vulnerabilidade (OEA, 2020).
- ▶ A CIDH (2020) deixou explícita a sua preocupação com a imposição dos estados de emergência ou de exceção que suspendem e restringem alguns direitos humanos, especialmente aqueles relacionados à liberdade de expressão, de acesso à informação pública, direito à propriedade privada, uso de tecnologia de vigilância e armazenamento massivo de dados.
- ▶ Por outro lado, existem grupos com maior probabilidade de sofrer violações de seus direitos, pois são populações especialmente de risco: idosos e pessoas de qualquer idade com problemas de saúde pré-existentes, pessoas privadas de liberdade, mulheres, povos indígenas, pessoas em situação de mobilidade humana, crianças e adolescentes, afrodescendentes, pessoas com deficiência, trabalhadores e pessoas em situação de pobreza e pobreza extrema, especialmente trabalhadores informais e pessoas em situação de rua; bem como defensores de direitos humanos, líderes sociais, profissionais de saúde e jornalistas (CIDH, 2020).

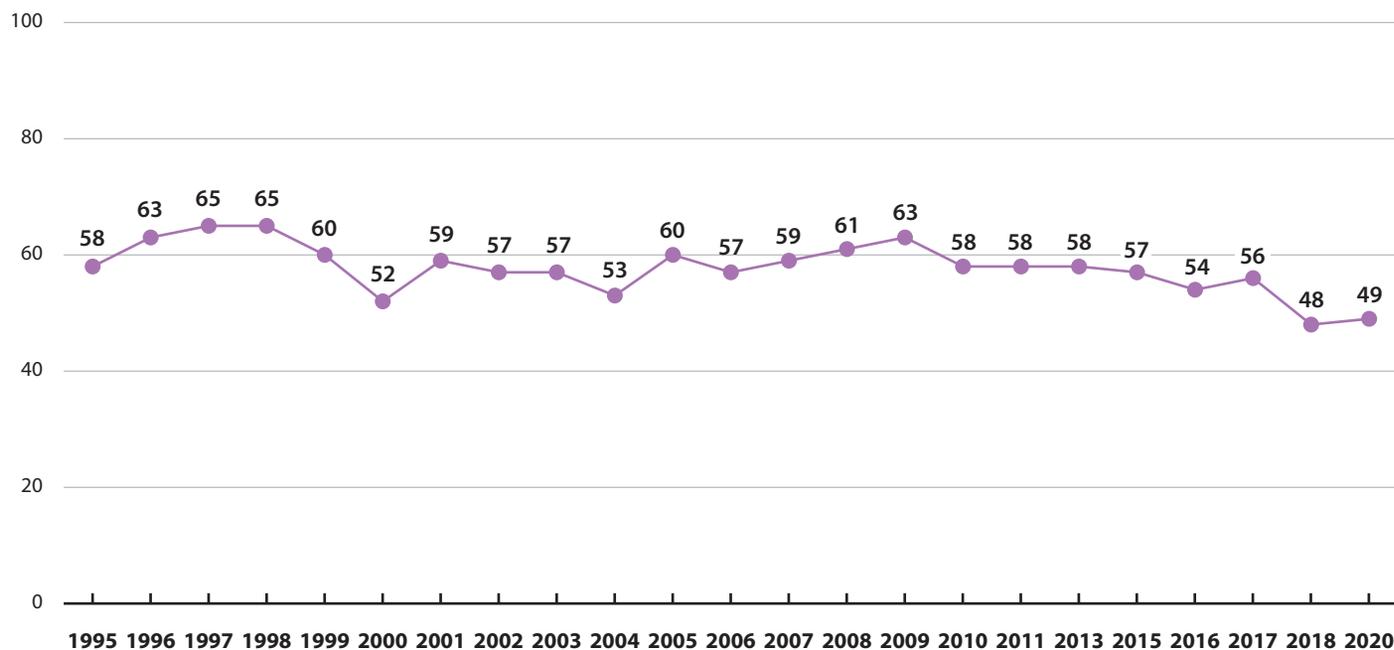
As consequências da pandemia nos regimes políticos

- ▶ O início da pandemia de COVID-19 gerou uma ruptura em todos os aspectos da vida política na América Latina e o Caribe, que já apresentava um declínio no funcionamento dos regimes democráticos. Apenas 3 democracias

(Uruguai, Chile e Costa Rica) são consideradas democracias plenas em 2020, enquanto a maioria das democracias da região são consideradas democracias “falhas” devido a deficiências nos processos eleitorais, funcionamento do governo, participação política, cultura política e liberdades civis (The Economist Intelligence Unit, 2021).

- ▶ De acordo com os dados apresentados pelo Latinobarómetro (2021), o apoio à democracia por parte das sociedades latino-americanas estava em declínio desde 2010. Entre 2010 e 2018, o apoio à democracia caiu de 63% para 48%. Esse descontentamento ficou expressado em 2019 com os protestos no Chile, Colômbia, Equador e Peru, manifestações que continuaram em andamento mesmo em pandemia.
- ▶ Em 2020, em um contexto de pandemia, 49% dos latino-americanos apoia a democracia, marcando um ligeiro aumento em relação à tendência do resto da década. Em 11 países da região foi constatado um aumento do apoio à democracia, sendo o caso mais paradigmático o de El Salvador (aumento de 18% entre 2018 e 2020). Em 7 países, constatou-se uma diminuição do apoio à democracia, sendo o Equador o maior expoente dessa tendência, com uma redução de 17% entre 2018 e 2020.
- ▶ Esse descontentamento reflete-se também em uma avaliação pejorativa da democracia: 45% da população latino-americana reconhece que a democracia em que vive tem grandes problemas e 22% acredita que sua democracia tem pequenos problemas (Latinobarómetro, 2021). 60% das pessoas na Argentina, 56% no Peru, 55% no Equador, 54% no Chile e 52% na Colômbia e no Paraguai afirmam que a democracia em seu país tem grandes problemas. O Uruguai é o país com menos reclamações contra a democracia, com 19%.
- ▶ Outro indicador importante para avaliar o funcionamento das democracias na região é a satisfação com o regime. Nas últimas décadas, a satisfação com a democracia teve um comportamento bastante errático: a maior satisfação

Figura 4.1. Apoio à democracia em países latino-americanos. Em porcentagem (1995-2020).



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Latinobarómetro.

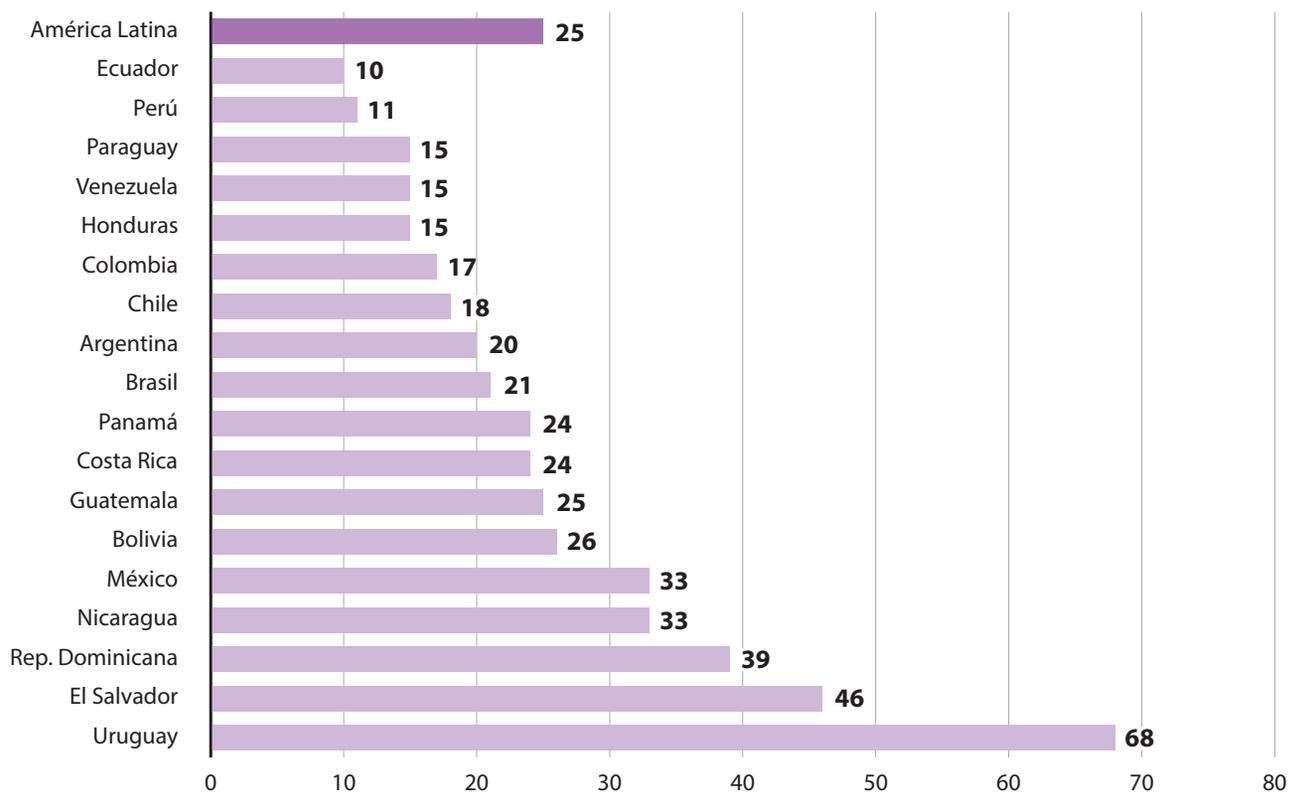
encontra-se entre os anos de 2005 e 2010, ano a partir do qual se inicia uma diminuição acentuada da satisfação. No meio da pandemia, a insatisfação chegou a 70%, contra 25% de satisfeitos. 13 dos 18 países pesquisados têm nível de satisfação menor a um terço da população.

- ▶ É interessante examinar também as preferências dos cidadãos por um governo autoritário em relação a um democrático. A população que prefere esse tipo de governo costuma representar entre 15 e 20% do total, permanecendo relativamente constante nas últimas duas décadas. O início da pandemia não produziu grandes alterações nesse tipo de governo, ao contrário do que se poderia esperar em um contexto de crise. A maior preferência por esse tipo de governo encontra-se no

Paraguai e no México (24% e 22%, respectivamente), em comparação com o caso do Uruguai (8%).

- ▶ É importante considerar as consequências desses indicadores sobre o funcionamento dos sistemas políticos. É em contextos de alta polarização e alternância que aparecem as fraturas que permitem o surgimento de populismos. Isso pode ser visto em alguns países de nossa região: nos últimos anos assistiu-se ao declínio da Nicarágua com Ortega e da Venezuela com Maduro, e novos populismos começam a se formar em El Salvador com a chegada do empresário Nayib Bukele, no México com o governo de López Obrador, e no Brasil com Bolsonaro.

Figura 4.2. Satisfação com a democracia nos países da América Latina. Em porcentagem (1995-2020).



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Latinobarómetro.

► Por outro lado, o contexto da pandemia e a imposição de estados de emergência geram a criação de situações propensas à corrupção. 57% dos latino-americanos acreditam que a corrupção aumentou muito em relação a 2019 (Latinobarómetro, 2021). Nos casos da Venezuela, Chile e Equador, o aumento chega a valores acima de

70%. Isso se explica principalmente pela corrupção associada à gestão da pandemia: nesta época, surgiram casos de irregularidades, como vacinação arbitrária de altas autoridades na região ou fixação artificial dos preços de suprimentos médicos (CAF, 2021).

Participação da cidadania

- ▶ O início da pandemia e as novas condições sanitárias produziram modificações na realização das eleições e no funcionamento do sistema eleitoral. Foi essencial fazer adaptações à realização do ato eleitoral: 6 países tiveram de adiar as suas eleições presidenciais, legislativas ou constitucionais para o segundo semestre de 2020 ou para o ano de 2021.
 - ▶ No ano de 2020, no Uruguai, as eleições municipais tiveram como vencedor o Partido Nacional, liderado pelo presidente Lacalle Pou. Na Bolívia, as eleições presidenciais resultaram na vitória de Luis Arce, candidato apoiado por Evo Morales, após um período de intenso conflito durante o governo de Jeanine Añez. No caso do Brasil, o resultado das eleições locais mostrou uma tendência ao centro: apenas 2 dos 13 candidatos apoiados por Bolsonaro conseguiram acesso à prefeitura que disputavam, e o PT de Lula da Silva não conquistou nenhum cargo.
 - ▶ No Chile, o plebiscito nacional determinou um acordo com o início de um processo constituinte para redigir uma nova Constituição. Em maio de 2021, foram realizadas as eleições constituintes, o que permitiu a formação da Convenção Constitucional que iniciou suas sessões em julho do mesmo ano. E, finalmente, em dezembro de 2020 realizaram-se as eleições parlamentares na Venezuela, com uma participação de cerca de 30% e sem a participação dos principais partidos da oposição.
 - ▶ Para o ano de 2021, várias eleições foram definidas em toda a região. A começar pelo Equador, a vitória foi de Guillermo Lasso, que pôs fim ao período correista. No Peru, as eleições legislativas e presidenciais terminaram com o triunfo de Pedro Castillo, com vantagem de pouco mais de 60 mil votos sobre sua adversária, Keiko Fujimori. Em meados do ano, o México elegeu governadores, deputados e congressos locais, terminando com uma redução do apoio de López Obrador no Poder Legislativo.
- No entanto, o partido oficial ampliou sua presença na esfera federal, conseguindo controlar 16 dos 32 governos. Para o restante do ano, estão previstas eleições presidenciais no Chile, Nicarágua e Honduras, e eleições legislativas na Argentina, Nicarágua e Chile.
- ▶ Essas eleições são realizadas em momentos de baixa qualidade institucional em nossa região, em um ambiente de inquietação pelo contágio e desconfiança quanto à implementação dos planos de vacinação, dos quais se evidenciam escândalos em vários países devido ao uso clientelista.
 - ▶ Tendo em vista essas eleições e ainda em um contexto de recuperação da pandemia e de desconforto social, espera-se que as eleições deem mais espaço para novas propostas populistas. Os especialistas acreditam que as demandas do presente levarão ao surgimento de novos populismos, que consigam remendar a situação social sem resolver as questões subjacentes. Os candidatos populistas vão tentar captar os votos insatisfeitos e marginais por meio de propostas que sensibilizem o eleitorado, e não mais se privilegiará os laços com a classe política tradicional.
 - ▶ A região tem alguns desafios em termos de participação da cidadania na política. É preciso reconhecer que os mecanismos de representação democrática não abrangem toda a população, de modo que os partidos são cada vez menos viáveis como mecanismos de canalização de inquietações e desconformidades. As altas taxas de abstenção eleitoral são um reflexo disso, indicando uma falha no alcance dos partidos. Diante dessa crise de representação, intui-se que as novas expressões da política por meio das redes sociais têm grande valor, permitindo-nos saber o que aspira aquela parte da população que está à margem da política (e que muitas vezes tem uma atitude antipolítica) para serem utilizados em favor da ideologia política de cada partido.

Referências

bibliográficas

Acosta, L., Cardona Arango, D., Costa, J., Delgado, A., Freire, F. H., Garay, S., Gómez León, M., Paredes Della Croce, M., Peláez, E., Rodríguez Rodríguez, V., Rojo-Pérez, F. y Silva-Ramírez, R.

Las personas mayores frente al COVID-19: tendencias demográficas y acciones políticas. *RELAP – Revista Latinoamericana de Población*, 15 (29), pp. 64-117.

Banco de Desenvolvimento da América Latina [CAF]

(2021). Los riesgos de corrupción en pandemia. Disponible en: <https://www.caf.com/es/actualidad/noticias/2021/06/lo-riesgos-de-corrupcion-en-pandemia/>

Banco Interamericano de Desenvolvimento [BID] (2021).

Políticas sociales en respuesta al coronavirus. La migración en América Latina y el Caribe ante el impacto del coronavirus. Washington DC: BID.

Banco Mundial

(2021a). *Global economic prospects.* Washington DC: World Bank.

---- (2021b). *Actuemos ya para proteger el capital humano de nuestros niños. Los costos y la respuesta ante el impacto de la pandemia de COVID-19 en el sector educativo de América Latina y el Caribe.*

Washington DC: World Bank.

---- (2019). *Global economic prospects.* Washington DC: World Bank.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe [CEPAL]

(2021a). *La prolongación de la crisis sanitaria y su impacto en la salud, la economía y el desarrollo social.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2021b) *La paradoja de la recuperación en América Latina y el Caribe. Crecimiento con persistentes problemas estructurales: desigualdad, pobreza, poca inversión y baja productividad.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2021c). *Panorama Social de América Latina 2020.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2021d). *Herramientas de política social y análisis de las*

desigualdades para enfrentar los impactos de la pandemia de COVID-19: aprendizajes y desafíos para la construcción de sistemas universales, integrales y sostenibles de protección social. Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2021e). *La autonomía económica de las mujeres en la recuperación sostenible y con igualdad.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2020a). *Boletín de Envejecimiento y Derechos de las Personas Mayores en América Latina y el Caribe.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2020b). *Desafíos para la protección de las personas mayores y sus derechos frente a la pandemia de COVID-19.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2020c). *Los pueblos indígenas de América Latina – Abya Yala y la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible. Tensiones y desafíos desde una perspectiva territorial.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2020d). *COVID-19 y las personas con discapacidad en América Latina. Mitigar el impacto y proteger derechos para asegurar la inclusión hoy y mañana.* Santiago de Chile: CEPAL.

---- (2020e). *Salud y economía: una convergencia necesaria para enfrentar el COVID-19 y retomar la senda hacia el desarrollo sostenible en América Latina y el Caribe.* Santiago de Chile: CEPAL.

Corporación Latinobarómetro

(2021). *Informe 2021.* Santiago de Chile: Latinobarómetro.

Corte Interamericana de Derechos Humanos

(2020). *COVID-19 y derechos humanos: los problemas y desafíos deben ser abordados con perspectiva de derechos humanos y respetando las obligaciones internacionales.* Washington: CIDH.

Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia [UNICEF]

(2021). *The invisible COVID-19 graveyard: intergenerational losses for the poorest young people and actions to address a human development pandemic.* Nueva York: UNICEF.

Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF]

(2021). 3 de cada 10 niños, niñas y adolescentes en América Latina y el Caribe viven con sobrepeso. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/comunicados-prensa/3-de-cada-10-ninos-ninas-y-adolescentes-en-america-latina-y-el-caribe-viven-con-sobrepeso>

Fundo Monetário Internacional [FMI]

(2021). *Perspectivas de la economía mundial – 2021*. Washington DC: FMI.

Global Forest Watch

(2021). La Destrucción de los Bosques Primarios Aumentó un 12 % de 2019 a 2020. Disponível em: <https://www.globalforestwatch.org/blog/es/data-and-research/datos-globales-de-perdida-de-cobertura-arborea-2020/>

Gonçalves, L., Rosa, R., Ferreira, G., Loch, M.

“Saúde de mulheres de dois grupos de atividade física: estudo de acompanhamento durante a Covid-19”. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 25.

Organização das Nações Unidas [ONU]

(2021). Pobreza en América Latina, COVID-19, desperdicio de alimentos... Las noticias del jueves. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2021/03/1489082>

Organização dos Estados Americanos [OEA]

(2020). *Pandemia y Derechos Humanos en las Américas*. Washington: OEA.

Organização Internacional do Trabalho [OIT]

(2021a). Coyuntura laboral en América Latina – 2021. Lima: OIT.

---- (2021b). *Perspectivas Social y del Empleo en el Mundo – Tendencias 2021*. Ginebra: OIT.

---- (2021c). *Informe Mundial sobre la Protección Social 2020-2022*. Ginebra: OIT.

---- (2020). *Perspectivas Sociales y del Empleo en el Mundo – Tendencias 2020*. Ginebra: OIT.

---- (2019). *Aplicación del convenio sobre pueblos indígenas y tribales núm.. 169 de la OIT*. Ginebra: OIT.

---- (2018). *Presente y futuro de la protección social en América Latina y el Caribe*. Lima: OIT.

Organização Internacional para as Migrações [OIM]

(2021). *Informe sobre las migraciones en el mundo 2020*. Ginebra: OIM.

Organização Meteorológica Mundial [OMM]

(2021). *El estado del clima en América Latina y el Caribe 2020*. Ginebra: OMM.

Organização Mundial da Saúde [OMS]

(2021). *World Health Statistics 2021 - monitoring health for the SDGs, sustainable development goals*. Ginebra: OMS.

---- (2020). *World Health Statistics 2020 - monitoring health for the SDGs, sustainable development goals*. Ginebra: OMS.

---- (2019). *World Health Statistics 2019 - monitoring health for the SDGs, sustainable development goals*. Ginebra: OMS.

Organização Pan-Americana da Saúde [OPS]

(2021). *COVID-19 and comorbidities in the Americas. Hands-on tool to estimate the population at increased and high risk of severe COVID-19 due to underlying health conditions for the Americas*. Washington: OPS.

---- (2020). *Consideraciones psicosociales y de salud mental durante el brote de COVID-19*. Washington: OPS.

Ramírez-Coronel, A.

(2020). “Impacto Psicológico Del Confinamiento por Covid-19 hacia un Nuevo constructo clinimétrico ansioso-depresivo en mujeres adultas de Azogues”. *Archivos Venezolanos de Farmacología y Terapéutica*, 39 (8), pp. 828-834.

The Economist Intelligence Unit

(2020). *Democracy Index 2020*.

Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., Jiang, F.

(2021). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395 (10228), pp. 945-947.

World Resources Institute

(2021). Forest Pulse: The Latest on the World's Forests. Disponível em: <https://research.wri.org/gfr/forest-pulse>





Reflexões Teológico-Pastorais

O discernimento evangélico e pastoral das situações históricas e de suas complexidades nos convida – a partir de dados pesquisados e registrados com precisão – a reconhecer os desafios e apelos que o Senhor faz ouvir em meio a determinadas situações históricas, para interpelar a nossa liberdade responsável, para comprometer a nossa condição de discípulos missionários, chamados a ser sal e luz do mundo, fermento de uma nova sociedade, chamados a ser, como povo de Deus, sacramento de salvação no seio da sociedade.

Como exercício desse discernimento evangélico e pastoral sobre o *Balanco Social do ciclo COVID-19 na América Latina e o Caribe 2020-2021*, apresentamos a seguir algumas chaves de leitura teológico-pastorais que abrem o diálogo e convidam a novos exercícios de discernimento sobre os dados fornecidos e os horizontes que nos são anunciados.

**A partir de uma
perspectiva global**

***Chamados a promover e
participar das mudanças
necessárias***

Mais uma vez, os dados identificam uma situação de crise ecológica, social e cultural, que se transforma em exigências e pedidos de mudança em vários níveis: mudanças no nível

pessoal, de atitudes e de costumes; mudanças no nível comunitário e estrutural devido à ineficiência de muitos sistemas; mudanças de paradigma, diante dos limites apresentados pelos atuais modelos econômicos e políticos. A pandemia tornou visível a necessidade dessas mudanças em todos os níveis, tirou o véu das distrações que impediam reconhecer a sua urgência e dimensões e deu mais argumentos para aqueles que já as reclamavam.

Mudanças necessárias que nos levam a pensar acerca do papel da comunidade eclesial diante delas; que nos recordam o valor das perguntas que guiaram o sínodo dos bispos de 1974 sobre a evangelização e que São Paulo VI recordou no início da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: «*O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?*» (EN 4). Perguntas que abordavam o desafio da capacidade do Evangelho e da Igreja de participar da mudança, de promover as mudanças, ao invés de se limitar a ver e sofrer os efeitos das crises sociais vividas no século passado. Perguntas que foram abordadas a partir do reconhecimento da dimensão transformadora da evangelização, que o Papa desenvolve em seu documento: «*Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: “Eis que renovo todas as coisas”*» (EN 18).

Hoje, essas questões tornam-se muito atuais quando se lê o diagnóstico da situação que vive nosso continente e diante dos desafios que apresenta à missão evangelizadora da Igreja. Qual é o papel do povo de Deus diante dessas situações e das necessidades de mudança que reconhecemos?

Papel que se descobre e se desempenha em primeiro lugar na convicção da ação misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito, como nos recorda o Papa Francisco:

«Algumas pessoas não se dedicam à missão, porque creem que nada pode mudar e assim, segundo elas, é inútil esforçar-se... Com esta mentalidade, torna-se impossível ser missionário. Esta atitude é precisamente uma desculpa maligna para continuar fechado na própria comodidade, na preguiça, na tristeza insatisfeita, no vazio egoísta... No caso de pensarmos que as coisas não vão mudar, recordemos que Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e possui todo o poder. Jesus Cristo vive verdadeiramente. Caso contrário, “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação” (1 Cor 15, 14). Diz-nos o Evangelho que, quando os primeiros discípulos saíram a pregar, “o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra” (Mc 16, 20). E o mesmo acontece hoje. Somos convidados a descobri-lo, a vivê-lo. Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia. A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual. É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que, no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto... Esta é a força da ressurreição, e cada evangelizador é um instrumento deste dinamismo... A ressurreição de Cristo produz por toda a parte rebentos deste mundo novo; e, ainda que os cortem, voltam a despontar, porque a ressurreição do Senhor já penetrou a trama oculta desta história; porque Jesus não ressuscitou em vão. Não fiquemos à margem desta marcha da esperança viva!» (EG 275.276.278).

Missão que diz respeito a toda a comunidade eclesial, em virtude do mandamento do amor, como afirmado pelos Bispos em Medellín:

«O amor, “a lei fundamental da perfeição humana, e portanto da transformação do mundo” (GS 32), não é somente o mandamento supremo do Senhor, é também o dinamismo que deve mover os cristãos a realizarem a justiça no mundo, tendo como fundamento a verdade e como sinal a liberdade. Assim é que a Igreja quer servir ao mundo, irradiando sobre ele uma luz e uma vida que cura e eleva a dignidade da pessoa humana (GS 41), consolida a unidade da sociedade (GS 42) e dá um sentido e um significado mais profundo a toda a atividade dos homens. Certamente, para a Igreja, a plenitude e a perfeição da vocação humana se alcança com a inserção definitiva de cada homem na Páscoa ou triunfo de Cristo, porém a esperança de tal realização definitiva, antes de adormecer, deve “avivar a preocupação de aperfeiçoar esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, o que pode, de certa maneira, antecipar a visão do novo século” (GS 39). Não confundimos progresso temporal com Reino de Cristo; entretanto, o primeiro, “enquanto pode contribuir a ordenar melhor a sociedade humana, interessa em grande medida o Reino de Deus” (GS 39).» (DM Justiça 4-5).

As mudanças pessoais, culturais, estruturais e paradigmáticas que devem ser promovidas, a partir do compromisso evangelizador da Igreja no continente, requerem, portanto, o discernimento dos sinais da obra que o Senhor Ressuscitado já está fazendo, em particular na vida de tantas vítimas das injustiças e desigualdades, e com os quais assinala e confirma os esforços que já vêm sendo envidados e devem ser feitos como comunidade eclesial, para servir à justiça e à solidariedade no mundo.

Mudanças que é preciso promover a partir das convicções da fé e com um olhar de esperança, como sugerem os títulos a partir dos quais foi organizada a informação: sonho ecológico, social e cultural, que respondem à perspectiva da esperança que o Ressuscitado nos dá e o dinamismo transformador que penetrou na história e a conduz à plenitude do Reino.

A partir de um olhar sobre temas específicos

Existem fatos e temas específicos que também chamam a nossa atenção como evangelizadores: a saúde, o trabalho, a ecologia, a economia social, a crise da democracia, e que apontam para campos específicos nos quais há de se promover as mudanças.

Chamados a cuidar da saúde e da vida

Entre as chamadas específicas que ressoam nos dados apresentados no balanço, reconhece-se a necessidade de uma atenção especial à questão da saúde. A crise sanitária, a insuficiência dos sistemas públicos de saúde para cuidar dos doentes e garantir esse direito, o investimento insuficiente dos governos nesse aspecto e a falta de garantias para torná-lo verdadeiramente um direito exercido por todos, exigem o compromisso dos países e da própria Igreja para com o direito à saúde.

Essa crise da saúde, assim como os protocolos de vacinação, tem colocado em evidência a relação íntima entre saúde, economia e desenvolvimento social. Inter-relação que a ação evangelizadora da Igreja deve levar em conta. A saúde física, saúde mental e saúde espiritual devem ser levadas em consideração nos projetos de evangelização a serviço de uma vida plena para todos. A vida nova em Cristo, à qual nos reconhecemos chamados a servir e a prolongar, deve levar em conta o desafio da saúde integral para todos, como tarefa necessária na ação evangelizadora.

Chamados a propor a boa nova do trabalho

Outra das chamadas específicas que ressoam nos dados apresentados no balanço é a atenção especial que requer a questão do trabalho. Sabemos que um dos efeitos negativos mais significativos da pandemia foi a perda de empregos. Já se falava em 26 milhões de desempregados antes da COVID-19, e com a sua chegada constatou-se a perda de 35 milhões de empregos na região durante 2020. Destes, apenas 58% foram recuperados até o primeiro trimestre deste ano. Esses acontecimentos e as suas consequências, tão fortemente sentidas, convidam-nos a repensar sobre a necessidade do trabalho, como valor e dignidade.

Temos vindo de uma época de exaltação do tempo livre, do lazer, da diversão, que tem ofuscado culturalmente o valor e a dignidade do trabalho, sua importância na vida das pessoas e da sociedade; fato que se agrava com a pouca geração de fontes de trabalho, com as injustiças que se cometem nas condições de trabalho e na remuneração insuficiente.

A pandemia com todos os efeitos negativos que teve sobre a situação econômica e social das famílias e comunidades tem ajudado a relativizar certas visões que exaltavam o lazer, o tempo livre, o consumo irresponsável em detrimento do valor do trabalho, e a ponderar melhor o valor e a correlação das duas realidades profundamente humanas e sociais. Além disso, as condições de restrição ao trabalho impostas pela pandemia e os protocolos de biossegurança necessários, o desenvolvimento do trabalho em casa e o surgimento de outras formas de trabalho, ajudaram a trazer à tona novamente a reflexão sobre o emprego, o seu valor, sobre a sua regulamentação e sobre as suas condições e remuneração justa.

Essas circunstâncias, bem como as consequências do aumento do trabalho informal, a falta de políticas para um trabalho digno, a importância dos sistemas de proteção social que acompanham o trabalho, convidam-nos a pensar num

chamado ao compromisso com o trabalho: a propor mais uma vez o evangelho do trabalho, o significado profundo que o trabalho tem e a necessidade de um trabalho decente, dentro das condições de nossa sociedade, para promover fontes de trabalho digno, para promover uma reflexão sobre as novas formas de trabalho que estão surgindo e sobre as relações de trabalho. Sem dúvida, a doutrina social da Igreja é chamada a enfrentar esses desafios, e os projetos da pastoral social devem responder a esse desafio.

Chamados a incentivar a conversão ecológica

Na esfera ecológica, os efeitos de recuperação de muitos ecossistemas durante a pandemia mostraram que uma mudança em favor do cuidado da casa comum é sim possível. Os sinais desta mudança favorável, apesar da sua curta duração após os efeitos da reativação econômica, são um incentivo para continuar a promover mudanças nas formas de nos relacionarmos com o ambiente e alcançar uma maior sustentabilidade.

É importante aproveitar a situação para continuar a tarefa de levar os valores do Evangelho às relações com a criação e promover a conversão ecológica, fazendo compreender os compromissos de todos os batizados com o cuidado da Casa Comum.

Chamados a acompanhar a sociedade civil no desenvolvimento de uma economia social

É um fato significativo a forma como a sociedade civil conseguiu desenvolver durante as quarentenas, por ocasião da pandemia, uma economia social que supriu de muitas maneiras o que a economia de mercado não pôde conseguir.

A ação solidária desenvolvida a favor dos mais frágeis, com engenho e coragem, salvou muitas vidas de indivíduos e famílias que não receberam os auxílios que o Estado concedeu. Assim, evidencia-se a necessidade de promover as formas de organização e ação da sociedade civil e sua complementaridade com as ações do Estado.

A Igreja tem muito a contribuir nesse processo de promoção de formas de viver a caridade social que dê alma aos processos de desenvolvimento.

Chamados a iluminar as novas formas de participação da cidadania

A crise da democracia e da participação da cidadania, como se verifica no relatório, apresenta à obra evangelizadora da Igreja o desafio de propor os princípios e critérios que a doutrina social da Igreja tem para contribuir: o sentido da dignidade humana, da fraternidade universal, da comunidade humana, do bem comum, da política, etc. Sabedoria do Evangelho que é preciso colocar em diálogo com as novas realidades e formas de participação política que estão surgindo, com a

multiplicação dos populismos que surgem nestes tempos, bem como com as desconformidades que as populações expressam diante da forma de viver a democracia.

Chamados a escutar e dialogar com as vítimas, com os pobres

Finalmente, é necessário levar em consideração o grande número de vítimas que sofreram as circunstâncias que nos interpelam. Não são apenas dados, são pessoas e histórias de vida, as quais os discípulos do Senhor Jesus Cristo não podem deixar para trás, sem parar e ouvir na sua dor, nas suas reivindicações e petições. Proximidade e diálogo que conduzem à compreensão de caminhos para a solução de muitos dos problemas apontados, à geração de ações em prol da transição de uma cultura do descartável para a cultura do cuidado, e que geram a mística necessária para o grande desafio de promover a dimensão social da evangelização.

A necessidade de sonhar juntos

Junto com os dados da realidade que nos desafiam, é necessário ter presente o que o Papa Francisco disse em seu discurso deste ano para os movimentos populares:

«Irmãs e irmãos, vamos sonhar juntos. E assim, ao pedir isso a vocês, junto com vocês, quero também transmitir algumas reflexões sobre o futuro que devemos construir

e sonhar. Eu disse reflexões, mas talvez poderia dizer sonhos, porque neste momento não bastam o cérebro e as mãos, precisamos também do coração e da imaginação: é preciso sonhar para não voltar atrás. Precisamos utilizar essa faculdade tão extraordinária do ser humano que é a imaginação, aquele lugar onde a inteligência, a intuição, a experiência e a memória histórica se encontram para criar, compor, aventurar-se e arriscar. Vamos sonhar juntos, porque foram justamente os sonhos de liberdade e igualdade, de justiça e dignidade, os sonhos de fraternidade os que melhoraram o mundo. E estou convencido que nesses sonhos estará também o sonho de Deus para todos nós, que somos seus filhos... 'Mas essas coisas são inatingíveis', alguém dirá. Sim. Mas elas têm a capacidade de nos colocar em movimento, de nos colocar no caminho.» **(Papa Francisco, mensagem de vídeo para os movimentos populares, 2021).**

D. Jaime Mancera Casas
Membro da Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do CELAM



EDITORIAL **CELAM**

Carrera 5 N° 11 8- 31
PBX (571)587 9710 Exts. 307/345/351
editora@celam.org
eventas@celam.org
elibreria@celam.org
Bogotá, D. C., Colombia